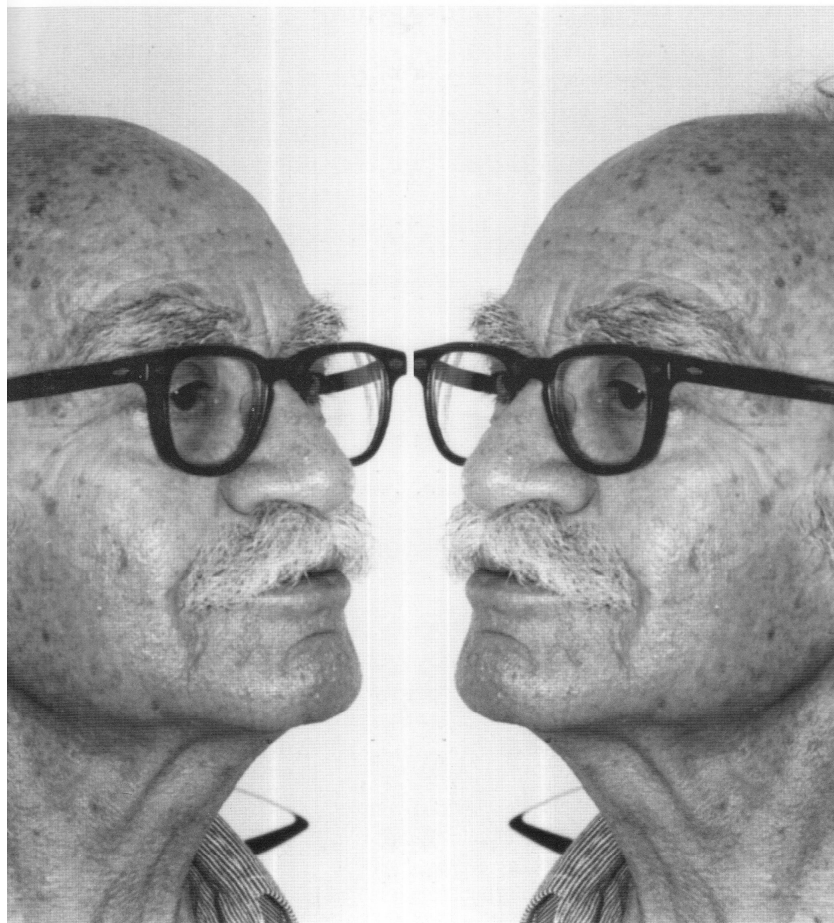


MODESTO, Luiz Sergio; DOLHNIKOFF, Luis; TÁPIA, Marcelo; MENEZES, Philadelpho - Entrevistadores (2000). Caminho experimental. Entrevista com Pedro Xisto. Em *Medusa - Revista de poesia e arte*. N. 9. Fevereiro-março. P. 2-5. Curitiba: Edição Ricardo Corona.

caminho experimental



P
diXit

O que se segue é um extrato (nunca publicado) de um bate-papo, de cerca de uma hora de duração, ocorrido em 1986, em uma casa de repouso na qual Pedro Xisto se encontrava internado. Sua saúde - agravada há algum tempo, após uma cirurgia - exigia cuidados especiais. Mesmo com lapsos de memória, Xisto pôde dar um pouco de sua visão das coisas, marcada, nos últimos tempos, por um despojamento quanto a regras e referências, pelo desprendimento de certos valores - um reflexo, talvez, de uma visão de mundo com a qual tinha familiaridade, como registra seu poema “zen”. Surpreendentemente, revela um desprendimento, até, de questões como a definição de poesia, talvez buscando não encerrar algo que lhe parecia transcendente a nossos esforços. Participaram do encontro os poetas Luis Dolhnikoff, Luiz Sergio Modesto, Philadelpho Menezes e Marcelo Tápia.

Pergunta Como você vê sua obra, hoje?

Pedro Xisto Na minha consciência, fiz muito pouco. Fiz o que pude. Há, claro, mais escrito do que publicado... Mas o interesse maior não é em mim, mas em vocês, que têm muito por fazer.

Pergunta Fale de sua aproximação com a cultura oriental.

Xisto Meu contato com a cultura oriental não merece grande referência. Ela é, paradoxalmente, uma cultura para a qual não estou, nem nunca estive, preparado lingüísticamente.

Meu interesse é pelo esforço físico de constituir um trabalho próprio considerando as fontes que considero importantes — a cultura oriental merece de todos nós toda a atenção.

Pergunta Esforço físico?

Xisto Sim. Sem compensações materiais. É muito difícil justificar materialmente certos esforços cuja maior justificação está exatamente no desinteresse material, numa espécie de jogo aberto sobre o universo.

Se queremos nos profissionalizar, é preciso o esforço comprovado e não o sucesso comprovado.

No meu caso, trata-se de uma espécie de paixão, pouco compreendida e, muito menos, aceita, mas que move minha consciência

a persistir nesse esforço desinteressado.

O objetivo não é fazer meia dúzia de obras-primas; é fazer sinceramente, naturalmente, como quem está procurando acertar. Isso é digno, o esforço. Faço o melhor dos meus esforços.

Pergunta É preciso conhecer diversas línguas para fazer poesia?

Xisto A pessoa pode trabalhar apenas a sua própria língua. E a poesia também é uma língua, no sentido de ser, existir lingüísticamente.

A poesia é uma questão de consciência até certo ponto. É uma questão de leitura até certo ponto. Creio que até um analfabeto pode descobrir sua veia poética.

Pergunta O que é poesia?

Xisto Alguém diz: até aqui é poesia, a partir daqui não é mais poesia... É preciso que seja, sempre...

A poesia é uma arte como outra qualquer...

Quais são os critérios positivos para exaltar, ou condenar alguém, só porque esse alguém não pensa segundo os moldes que seriam as fontes? Por que uma poesia merece o nome de poesia e outra não? Por que uma mulher é bonita e outra não? São falsas questões...

Devemos nos aproximar da poesia como se fosse uma mulher...

Mas toda compaixão é perigosa... E toda definição é perigosa...

Não tenho a pretensão de saber fazer poesia, nem de querer defini-la. Essa definição de que “toda definição é perigosa” é um meio mais simples de a gente abordar uma questão que não foi feita para ser discutida em relação a sua dificuldade, mas, sim, ser estudada em face de sua autenticidade.

Pergunta A busca da síntese é essencial em poesia?

Xisto Essencial não, mas muito importante evidentemente e...

A poesia do poeta A é melhor que a do poeta B? Se se trata de um professor de lingüística, por exemplo, é preciso julgá-lo por esse lado. Porém há muitos critérios, como a palavra certa no lugar certo — mas esse é apenas um critério entre muitos, não é “o” critério. Ou a gente cairia num preciosismo desumano ou num simples jogo de palavras. Não quero cair em nenhum desses extremos...

Não me apresento, absolutamente, como poeta. Gostaria de fazer poesia, procuro fazer poesia, mas não mostrando quais são os caminhos certos.

Pergunta E o Caminho?

Xisto Nunca me aproveitei do *Caminho*, o título que você citou. É

um caminho, penso, que tem um duplo sentido; a maioria não está preparada para ele...

Ele pode ser atirado ao mesmo tempo para dois alvos. E por que não? Afinal, a poesia é ou não é uma arte de libertação?

No meu caso, cada um que julgue...

Não se pode fugir disso: o melhor é assumir naturalmente, para não dizer corajosamente, esse duplo sentido que a poesia traz.

Todos os contatos humanos são aproximações, nada mais do que isso...

Todo homem inclui em si todos os homens...

Mas, voltando à questão da definição, não podemos definir a poesia de tal modo que alguém, não caído naquele esquema, esteja arriscado a receber uma sentença, no sentido de continuação...

Toda comparação é perigosa. Vamos amar a poesia, vamos fazer o melhor possível, mas sem excluir as outras oportunidades. Senão fica um jogo de espelhos, a gente fica fazendo uma poesia querendo se rever...

Não acho que a definição seja a melhor coisa para a poesia. Faça poesia como souber, mas procure fazer o melhor possível.

A poesia é universal. Cada um de nós, em sua consciência, se sente universal. É aí que o poeta e o filósofo se

encontram... Pela própria natureza da poesia, ela é universal.

Faça poesia como puder... se souber...

Eu quero a liberdade do poeta. Mas não é a liberdade de fazer o que der na cabeça. E, também, fazer aquilo que os outros não fizeram ainda é uma falsa liberdade.

Pergunta Qual a verdadeira liberdade poética?

Xisto Eu não sei. Creio que nenhum poeta deva ter essa finalidade. Isso não ajuda. Talvez a liberdade esteja em não se usar dela a não ser em casos extremos...

Pergunta Definir a poesia... É como definir o amor. Você acha que ajuda?

Xisto Estamos correndo atrás de um objetivo que na realidade não existe. Não há necessidade de se definir a poesia para se fazer poesia.

Pergunta Como você vê, hoje, seu poema "zen"?

Xisto É um dos poemas que, de certo modo, constituem uma aproximação aos poemas caligráficos. Eu o assinaria ainda hoje, sem dúvida, porque é um poema muito simples, é um dos poemas mais simples que jamais fiz; talvez por isso ele ainda seja discutido hoje, exatamente porque ele não tem maior pretensão.

É um achado, um constructo...

É isso, mas também é outra coisa. A poesia não é necessariamente um achado. A poesia é e deve ser um esforço contínuo, não um jogo, como a gente ganhar na loteria... Às vezes acontece isso...

Pergunta Você mencionou, certa vez, a relação entre esse poema e a construção do templo zen...

Xisto Creio que foi um momento feliz. Seria um poema feliz. Digo na condicional porque é possível descobrir partes infelizes nessa construção. Há um certo geometrismo nesse poema; seria um dos pontos ao mesmo tempo fortes e fracos do poema.

Pergunta Por que fracos?

Xisto Porque não pode ser discutido com facilidade. As grandes formas... essa simplicidade extrema, a meu ver, seria uma das muitas formas eventuais do poema.

Nunca disse que eu tenha achado essa jóia desconhecida do poema igualmente fácil e difícil...

A questão não está no fácil e no difícil. Estamos fartos de poetas difíceis. O que acho que vale a pena em nosso esforço é procurar algo que seja — se é que é possível — ao mesmo tempo fácil e difícil.

Mas toda discussão tende a julgar por um critério, que exclui os outros critérios. Acho que o homem merece mais... ■